



EUA / Presidente anuncia que 200 milhões de cidadãos maiores de 18 anos terão recebido ao menos uma dose do imunizante contra o coronavírus até 19 de abril. Em centro de vacinação, ele admitiu enviar fármaco a outras nações

Biden quer vacinar todos os adultos em 12 dias

» RODRIGO CRAVEIRO

Os Estados Unidos anteciparam em duas semanas o prazo para que todos os 200 milhões de adultos residentes no país sejam imunizados contra a covid-19. A previsão é de que a vacina esteja disponível para essa parcela da população até 19 de abril. De acordo com o Centro para Prevenção e Controle de Doenças (CDC), 107.609.937 cidadãos dos EUA maiores de 18 anos tinham recebido pelo menos uma dose do imunizante até as 20h de ontem (19h em Brasília) — o equivalente a 41,7% da população dessa faixa etária. As duas doses tinham sido administradas em 62.885.968 adultos (24,4%).

Entre os idosos, os números são ainda mais impressionantes: 41.537.908 (75,9%) tomaram ao menos uma dose. Das 219.194.215 vacinas encomendadas pela Casa Branca, 168.592.075 haviam sido aplicadas. Em discurso na Casa Branca, o presidente Joe Biden anunciou a nova meta de imunização e aconselhou os cidadãos a se manterem “em pé de guerra” com o Sars-CoV-2.

“Nós sabemos o que temos que fazer. Temos que desenvolver uma abordagem governamental que reúna todo o país e nos coloque em pé de guerra, para realmente derrotarmos este vírus. E é isso que temos feito. (...) Agora, estamos administrando uma média de 3 milhões de injeções por dia, mais de 20 milhões de injeções por semana”, declarou o democrata. Biden frisou que “ainda estamos em uma corrida de vida ou morte contra o vírus”.

Antes do pronunciamento, o presidente visitou um centro de vacinação instalado no Seminário Teológico da Virgínia, na cidade de Alexandria. Conversou com médicos e com pessoas que aguardavam na fila de imunização. “Acredito que, até o fim do verão, teremos uma parcela significativa da população americana vacinada. Logo, quando tivermos (imunização) suficiente, poderemos distribuí-las (vacinas) para o resto do mundo. Você não pode construir um muro ou uma cerca alta o bastante para manter um vírus afastado”, disse Biden.

Lawrence Gostin, professor de medicina da Universidade Johns Hopkins e da Universidade Georgetown e especialista em direito de saúde pública, admitiu ao **Correio** que o anúncio de Biden é

Brendan Smialowski/AFP



Joe Biden conversa com médico e com cidadão norte-americano antes de ser imunizado, em centro de vacinação montado em Alexandria, na Virgínia

Felippo Monteforte/AFP



Protesto contra restrições em Roma

Comerciantes, vendedores ambulantes e proprietários de restaurantes entraram em choque, ontem, com policiais antidistúrbios durante protesto do lado de fora do parlamento, na Piazza Montecitorio, em Roma. Aos gritos de “liberdade”, os manifestantes pularam a cerca de isolamento e lançaram garrafas contra a polícia, que reagiu com bombas de gás lacrimogêneo. Eles prometeram reabrir os estabelecimentos hoje, apesar das restrições sociais impostas pelo governo, por entenderem tratar-se de “questão de sobrevivência”.

“enormemente simbólico”. “Isso aumentará a confiança e o otimismo para um rápido retorno à vida normal”, avaliou. No entanto o estudioso vê gargalos na imunização em alguns estados. “Ter doses suficientes não é o objetivo final. O que devemos alcançar é a cobertura vacinal universal. Existem muitas pessoas nos EUA que confiam pouco nas vacinas. Elas mostram-se hesitantes e não aceitarão a imunização. O objetivo verdadeiro é aplicar as doses nos braços de todos”, comentou.

Para Gostin, se Biden for bem-sucedido, a campanha de vacinação representará uma das maiores conquistas de saúde pública em décadas. “Isso fará com que os EUA voltem rapidamente ao normal e proporcionará um grande impulso à economia norte-americana”, previu. Até o fechamento desta edição, os EUA registravam 30.841.045 casos e 556.428 mortes.

Natural de Belém (PA), Daniel Prado, 18 anos, mora em Tuscaloosa (Alabama), onde estuda

engenharia aeroespacial na Universidade do Alabama. Ele contou ao **Correio** que conseguiu tomar a primeira dose da vacina da Moderna na semana passada. A próxima deverá ser administrada até o fim deste mês. “Enquanto me sinto extremamente aliviado e mais confiante em relação às instituições dos Estados Unidos, ainda é bastante angustiante quando entro em contato com amigos e familiares no Brasil, pois não há uma previsão sobre quando poderão receber

o imunizante”, afirmou. “Meu sentimento é de injustiça, ao saber que existem milhares de brasileiros em condições críticas que necessitam da vacina. Enquanto aqui, alunos completamente saudáveis são imunizados e recebem amplo encorajamento das universidades.”

Passaporte

A Casa Branca descartou a imposição de qualquer forma de passaporte sanitário de vacinação contra o coronavírus nos Estados Unidos, mas disse que as empresas privadas são livres para explorar a ideia. “O governo não apoia nem apoiará agora um sistema que exige que os americanos carreguem uma credencial. Não haverá banco de dados federal de vacinas ou ordem federal que exija que todos obtenham uma única credencial de vacinação”, disse a jornalista e secretária de imprensa, Jen Psaki. Os chamados passaportes de vacinação, que comprovam imunização contra a covid-19, têm sido apresentados em todo o mundo como uma ferramenta potencialmente poderosa para reabrir países com segurança para reuniões em massa e viagens.

ISRAEL



O premiê Benjamin Netanyahu: promessa de um gabinete forte para evitar novas eleições

Netanyahu deve formar governo

Designado pelo presidente Reuven Rivlin para formar o próximo governo de Israel e réu em julgamento por corrupção, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, buscou exibir confiança na articulação política para evitar novas eleições. “Formaremos um governo forte para os cidadãos, não um governo de paralisação, e, sim, de ação”, disse, ao discursar para os deputados de seu Partido Likud (direita). “Farei o possível para tirar Israel da espiral de eleições.”

Rivlin, por sua vez, reconheceu que a decisão de nomear Netanyahu não foi fácil, “tanto moral quanto eticamente”. “Tomei minha decisão com base nas recomendações (dos partidos), que indicam que o deputado Benjamin Netanyahu tem a maior possibilidade de formar o governo. Por isso, decidi designá-lo para formar o governo”, anunciou. Na segunda-feira, 52 membros da Knesset (Parlamento) externaram apoio ao premiê, enquanto o Likud conquistou 30 das 120 cadeiras.

O israelense Eytan Gilboa, professor de comunicação política da Universidade Bar-Ilan, em Ramat Gan (Tel Aviv), acredita que Netanyahu tem a melhor chance de seguir no comando no país, aproveitando-se da oposição fragmentada. “Ele precisa de mais nove assentos na Knesset para governar. Seria extremamente difícil para o premiê alcançar tal número. Netanyahu tenta trazer à sua base um partido de direita, o Yemina, que detém sete parlamentares, e obter ‘apoio externo’ do Partido Árabe Islâmico local, o qual conta com quatro assentos. Mas, a base do Yemina se opôs à colaboração com os islâmicos e não se decidiu se unirá a Netanyahu ou à oposição”, afirmou ao **Correio**.

Julgamento

Gilboa descarta que o julgamento de Netanyahu, que começou na segunda-feira, possa comprometer as negociações para o novo governo. “Ele tem uma base bastante sólida. São 30 parlamentares, que conhecem sobre o indiciamento e o julgamento e, ainda assim, votarão nele. Esses legisladores apoiam o premiê, custe o que custar”, comentou.

O especialista vê a possibilidade de Netanyahu e de uma oposição não serem capazes de formar um governo, o que levaria à quinta eleição em dois anos. “Se Netanyahu falhar, o Likud pode pedir que ele se retire. Neste caso, ficaria mais fácil criar um governo de centro-direita. Um gabinete baseado apenas na maioria ínfima de 61 legisladores não seria estável”, explicou Gilboa.

De acordo com Efraim Inbar, presidente do Instituto para Estratégia e Segurança de Jerusalém, seria melhor se os 61 parlamentares fossem alinhados a Netanyahu. “O premiê tem o maior número de seguidores, e lidera o maior partido político de Israel. Mais de 40% dos cidadãos israelenses consideram-no mais adequado para a chefia de governo. Mesmo aqueles que se opõem a ele pensam assim”, disse ao **Correio**. (RC)

UCRÂNIA

Sob ameaça da Rússia, Kiev pede adesão à Otan

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, pediu à Organização do Tratado Atlântico Norte (Otan) que acelere a adesão de seu país à organização, com o objetivo de enviar um “sinal real” para a Rússia. Moscou protestou imediatamente, em um contexto de crescente tensão entre os dois vizinhos. A adesão dos ucranianos à Aliança Atlântica é uma provocação que Kiev lança ao Kremlin há muito tempo. “A Otan é a única maneira de acabar com a guerra em Dombass (o território do leste do país em conflito com separatistas pró-russos)”, acrescentou Zelenski em tuíte dirigido ao secretário-geral da aliança militar ocidental, Jens Stoltenberg, depois de uma reunião por telefone.

Zelenski prometeu avançar em mudanças necessárias dentro

do Exército para se unir à Otan. No entanto, ele alertou que “somente as reformas não deterão a Rússia”. O líder ucraniano reconheceu que o plano de ação para a adesão enviaria “um sinal real” à Rússia. O Kremlin advertiu que essa manobra pode agravar o conflito entre as tropas ucranianas e os rebeldes separatistas apoiados pela Rússia. “Duvidamos muito de que isso possa ajudar a Ucrânia a resolver seu problema interno. Do nosso ponto de vista, isso vai piorar ainda mais a situação”, alertou o porta-voz da Presidência russa, Dmitri Peskov.

A escalada militar da Rússia na Ucrânia fez com que Stoltenberg expressasse “séria preocupação” com a situação, somando-se aos Estados Unidos, ao Reino Unido e à União Europeia (UE). Um responsável da Otan,

AFP



Militar ucraniano patrulha trincheira na região de Donetsk: tensão crescente

que pediu anonimato, reduziu as expectativas de uma adesão rápida da Ucrânia, ao afirmar à agência France-Presse que Kiev deve “focar em suas reformas e reforçar sua capacidade de defesa conforme as normas” da Aliança.

O apelo do presidente ucraniano ocorre em um momento de plena tensão entre Kiev e Moscou. Na semana passada, a Ucrânia acusou a Rússia de concentrar milhares de tropas em suas fronteiras norte e leste, assim com

na Península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014.

O governo russo não negou os recentes movimentos de tropas, mas insistiu em que “não ameaça ninguém”. O Kremlin prometeu tomar “medidas” necessárias, no caso de qualquer movimentação militar ocidental na Ucrânia. A escalada verbal e a multiplicação dos confrontos com os separatistas pró-russos acabaram com uma trégua que se prolongou na segunda metade de 2020. Agora, os observadores e diplomatas temem uma retomada do conflito, que começou sete anos atrás. Ontem, o Exército ucraniano anunciou a morte de quatro soldados após uma série de confrontos nas últimas 48 horas. Desde o início do ano, 25 soldados morreram, a metade do total no ano de 2020.